

Warning: getimagesize(images/preghiera/vangelo/15_08_11_caravaggio_emmaus_brera.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Warning: getimagesize(images/preghiera/vangelo/15_08_11_caravaggio_emmaus_brera.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Home

Comer a carne e beber o sangue de Cristo

[Imprimir](#)
[Imprimir](#)

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image

'images/preghiera/vangelo/15_08_11_caravaggio_emmaus_brera.jpg'

There was a problem loading image

'images/preghiera/vangelo/15_08_11_caravaggio_emmaus_brera.jpg'

XX domingo do Tempo Comum, ano B, 16 agosto 2015

Jo 6,51-58

Reflexão sobre o Evangelho

por ENZO BIANCHI

Introduzione al capitolo 6 di Giovanni

L'ordo delle letture bibliche dell'annata liturgica B ha previsto che, giunti nella lettura cursiva di Marco all'evento della moltiplicazione dei pani (cf. Mc 6,35-44), si interrompa la lettura del vangelo più antico e la si sostituisca con la lettura dello stesso episodio narrato nel quarto vangelo. Per cinque domeniche si legge dunque il capitolo 6 di Giovanni, un testo che richiede una breve introduzione generale.

In verità questo capitolo, tutto incentrato sul tema del "pane di vita", che mai appare altrove, appare piuttosto isolato nello svolgimento del racconto giovanneo. Con buona probabilità, si tratta di un brano aggiunto più tardi per dare alla chiesa giovannea una catechesi sull'eucaristia, il cui racconto è mancante nel quarto vangelo, sostituito da quello della lavanda dei piedi (cf. Gv 13,1-17). Se questa ipotesi fosse vera, questo capitolo diventerebbe ancora più importante, perché proprio trattando il tema dell'eucaristia si conclude con la confessione dell'identità di Gesù: per i giudei è il figlio di Giuseppe, semplicemente un uomo della Galilea (cf. Gv 6,42), mentre Gesù dichiara

di essere il Filho de Deus, aquele que é seu Pai (cf. Gv 6,40); e isso é confirmado por Pedro e pelos outros discípulos, que reconhecem nele “o Santo de Deus” (Gv 6,69).

raggio, Cena in Emmaus (particolare), 1606, Pinacoteca di Brera, Milano

Naquele tempo, disse Jesus à multidão:

«Eu sou o pão vivo que desceu do Céu.

Quem comer deste pão viverá eternamente.

E o pão que Eu hei-de dar é minha carne, que Eu darei pela vida do mundo».

Os judeus discutiam entre si:

«Como pode ele dar-nos a sua carne a comer?»

E Jesus disse-lhes:

«Em verdade, em verdade vos digo:

Se não comerdes a carne do Filho do homem

e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue

tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia.

A minha carne é verdadeira comida

e o meu sangue é verdadeira bebida.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e eu nele.

Assim como o Pai, que vive, Me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim.

Este é o pão que desceu do Céu; não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram:

quem comer deste pão viverá eternamente».

Esta página do Evangelho segundo S. João está entre as mais escandalosas de todas as dos Evangelhos, podendo até ser considerada repugnante por quem não está por “dentro” (éso), no espaço de intimidade com o Senhor. Quem a escreveu esforçou-se por torná-la compreensível diante de uma fé gnóstica que não aceitava a humanidade, a carne humana na sua fragilidade, como um lugar de encontro com Deus. No entanto, segundo o quarto Evangelho, Deus escolheu que a sua manifestação definitiva, a sua revelação decisiva fosse a humanidade, como a carne frágil de Jesus (cf. Jo 1,14.18), um galileu que caminhava para a morte. Tentemos, pois, ler esta página, com muita humildade.

Jesus tinha dito: *“Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo”*. Este anúncio parecia de uma pretensão intolerável, uma afirmação inadmissível e, como tal, tinha suscitado murmúrios e discussões (cf. Jo 6,52). Nasceu então uma áspera discussão, uma verdadeira batalha verbal entre os que escutavam Jesus: *“Como pode Ele dar-nos a sua carne para comer?”*. Ele respondeu com expressões ainda mais escandalosas, tornando o seu anúncio mais duro e impactante, tolhendo qualquer possibilidade de compreensão das suas palavras apenas de forma parabólica, intelectual, refinada mas gnóstica: *“Se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”*.

Era já um escândalo pensar em comer a carne do Filho do Homem, mas beber o sangue é uma ação gravemente pecaminosa, proibida pela Lei e, portanto, repugnante para os crentes na aliança sancionada por Moisés. Sobre isto não havia dúvidas. Na Torah, de facto, está escrito: *“Se qualquer homem da casa de Israel, ou qualquer estrangeiro residente no meio deles, comer qualquer espécie de sangue, voltar-me-ei contra esse que come sangue e eliminá-lo-ei do seu povo. Porque o sangue é a vida do corpo (nephesh)”* (Lv 17,10-11). O Hebreu sabia que a humanidade até aos dias de Noé não se tinha alimentado de carne de animais mas unicamente de vegetais e que só na economia pós-dilúvio, Deus permitiu e tolerou a carne animal como alimento impondo uma condição: *“Porém, não comereis a carne com a sua vida, o sangue (nephesh)”* (Gen 9,4). Este mandamento, que indica respeito pela vida, aqui representada pelo sangue, era de tal forma importante que os apóstolos o mantiveram mesmo para os cristãos de origem gentia (cf. At 15,20.29; 21,25).

Jesus anuncia que para fazer parte da vida eterna, da vida de Deus, para conhecer a salvação, é necessário comer – ou melhor “mastigar”, sendo o verbo grego utilizado (*trógo*) – a carne do Filho do Homem e beber o seu sangue. Porquê este realismo nas palavras de Jesus, de acordo com o quarto Evangelho, palavras que não ressoam nos outros Evangelhos, nem mesmo no resto do Novo Testamento? Porquê esta linguagem, logo no Evangelho que não recorda a instituição da Eucaristia e a substitui pela cena do lava-pés (cf. Jo 13,1-17)? Certamente o autor deste trecho serve-se de uma linguagem que quer afirmar a participação no pão e no cálice de Jesus Cristo como no seu próprio corpo e sangue. Mas, para mim, ele quer ir ainda mais além na compreensão da Eucaristia.

Aquilo que nos quer fazer compreender é que a Encarnação, a humanização de Deus, deve ser acolhida seriamente, sem reservas e sem pensamentos que respondam mais à necessidade religiosa da humanidade que à ação de Deus. A verdade é que Deus fez-se homem em Jesus para que o procurássemos e o encontrássemos tanto quanto nos é possível, na condição humana. Deus quis partilhar connosco a nossa humanidade, a nossa própria carne para que pudéssemos realmente conhecer o seu amor não como qualquer coisa para acreditar mas como qualquer coisa que compreendemos e experimentamos através da nossa carne e na nossa carne. Jesus é esta carne que podemos

encontrar na nossa carne, é este corpo que podemos encontrar apenas na nossa corporeidade. Para que pudéssemos participar na vida de Deus – “*diventare Dio*”, como diziam os antigos Padres da Igreja do Oriente – era necessário que Deus se tornasse Homem e que carne e carne, corpo e corpo se encontrassem realmente. O amor expresso só com palavras, mesmo na revelação, não era suficiente; era preciso uma carne humana que exprimisse (*exeghésato*: Jo 1,18) Deus, uma carne humana que, amando a nossa humanidade, nos narrasse o amor de Deus, ou, melhor o “*Deus*” que “*é amor*” (1Jo 4,8.16). Esta nossa carne que nos fala das nossas fraquezas, das nossas debilidades, da nossa morte, esta carne que, por vezes, pensamos negar ou esquecer em favor de uma “vida espiritual” para poder encontrar Deus, esta mesma carne foi assumida por Deus e não é um obstáculo à comunhão com Ele mas, pelo contrário, um lugar de encontro com Deus.

As palavras eucarísticas de Jesus neste sexto capítulo de João dizem-nos de uma forma profunda que encarnação de Deus, ressurreição da carne e eucaristia exprimem juntas o mistério da nossa salvação. Na nossa pobre carne, no “*corpo de miséria*” (Fil 3,21) que nós somos, encontramos Deus, porque em Jesus “*habita realmente toda a plenitude da divindade*” (Col 2,9). Carne de mastigar e sangue de beber são a condição em que Jesus se nos entrega, em que Deus se nos dá, encontrando-nos onde estamos e não nos pedindo para subirmos à sua condição divina, ação de todo impossível para nós e fruto de um doentio orgulho religioso. Entrando em nós, a carne e o sangue de Cristo transformam-nos, por participação, em carne e sangue de Cristo, produzindo aquilo que para nós é impossível: tornar-mo-nos o Filho de Deus no próprio Cristo, o Unigénito amado pelo amante, o Pai, com um amor infinito, o Espírito Santo. Quem come a carne e bebe o sangue de Cristo conhecerá a ressurreição e viverá para sempre numa sólida comunhão com Cristo na qual permanece e habita (verbo *méno*) em Cristo, tal como Cristo permanece e habita nele: corpo no Corpo e Corpo no corpo!

O mesmo João, no prólogo da sua primeira carta, falando da experiência de Jesus feita por ele, escreve: “... *o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida...*” (cf. 1Jo 1,1), isto é, a Jesus. E nesta página do Evangelho é como se chegasse a dizer: “*o que comemos, o que disfrutámos de Jesus*”, através da Eucaristia é a nossa vida!